

A missão da universidade no contexto da pandemia de Covid-19: o caso da Universidade de São Paulo

Mariana Daniel Tango¹ | Lidiane Fátima Grtzmann² | Paulo José Robles Pinheiro³ | Lucimeire Pessoa de Lima⁴ | Ivaneli Schreinert dos Santos⁵ | Gabriela Oviedo Mena⁶ | Carlos Eduardo Tiozzo⁷

208

Resumo

A missão de uma universidade humanizada é a de permanentemente dialogar com a comunidade, no sentido de melhoria da qualidade de vida geral da população, nos diversos contextos nos quais vivemos. A fim de melhor compreender a missão da universidade, o presente estudo apresentou a mensagem institucional, os pareceres de seus segmentos e exemplos de devolutivas que a USP produziu ao longo dos últimos meses, durante a pandemia de COVID-19. Pela narrativa dos diversos discursos, observou-se compreensão dissonante dos partícipes em relação a atuação da instituição frente ao cenário desafiador. A dificuldade de se estabelecer uma comunicação efetiva foi refletida em termos de sua “crise identitária”, que resulta provavelmente da falta de uma compreensão profunda sobre a missão institucional, em alguns de seus segmentos atuantes. Apesar desta dissonância, muitas das devolutivas constatadas demonstram grande preocupação com a manutenção da dignidade dos estudantes, e da população em geral. Invariavelmente, talvez seja a ocasião de se pensar ainda mais seriamente sobre o reposicionamento identitário do ensino superior no Brasil e em como conceber efetivamente uma universidade “pluriversitária”, desfragmentada e pujante.

Palavras-chave: extensão universitária; missão da universidade; devolutivas Pandemia COVID-19.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Hidráulica e Saneamento, SHS, EESC/USP. tango.mariana@gmail.com

² Doutoranda em Educação e Ciências Sociais: Desigualdades e Diferenças, pelo departamento de Educação da Universidade de São Paulo, USP. lidigrutzmann@usp.br

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, IAU, USP. paulo.pinheiro@usp.br

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Projeto de Arquitetura FAU, USP. lupessoa@usp.br

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Turismo, EACH, USP. ivaneli@usp.br

⁶ Revisor do espanhol. gom.ingenieros@gmail.com

⁷ Revisor do inglês. contato@englishmadeforyou.com



Resumen

La misión de una universidad humanizada es dialogar permanentemente con la comunidad, en el sentido de mejorar la calidad de vida general de la población, en los diversos contextos en los cuales vivimos. A fin de comprender de mejor forma la misión de la universidad, el presente estudio presentó el mensaje institucional, las opiniones de sus segmentos y ejemplos de devolutivas que la USP produjo a lo largo de los últimos meses, durante la pandemia del COVID-19. Por la narrativa de diversos discursos, se observó una comprensión discordante de los participantes en relación con el desempeño de la institución frente al escenario desafiador. La dificultad de establecer una comunicación efectiva fue reflejada en términos de “crisis de identidad”, que resulta probablemente de la falta de comprensión profunda sobre la misión institucional, en algunos de sus segmentos operacionales. A pesar de esta discordancia, muchas de las devolutivas constatadas demuestran profunda preocupación por mantener la dignidad de los estudiantes, y de la población en general. Invariablemente, tal vez sea la ocasión de pensar aún más seriamente sobre el reposicionamiento de la identidad de la educación superior en el Brasil y en como concebir efectivamente una universidad “multiuniversitaria”, desfragmentada y vigorosa.

Palabras clave: extensión universitaria; misión universitaria; devolutivas Pandemia COVID-19.

Abstract

The mission of a humanized university is to permanently engage in a dialogue with the community, to improve the general quality of life of the population, in the different contexts in which we live. In order to better understand the university's mission, the present study presents the institutional message, the opinions of its segments and examples of responses that USP produced over the past few months, during the COVID-19 pandemic. Through the narrative of the different speeches, there was a dissonant understanding of the participants in relation to the institution's performance in the challenging scenario. The difficulty of establishing effective communication was reflected in terms of its “identity crisis”, which probably results from the lack of a deep understanding of the institutional mission, in some of its active segments. Despite this dissonance, many of the responses found demonstrate a deep concern with maintaining the dignity of students, and the population in general. Invariably, it may be the occasion to think even more seriously about the repositioning the identity of higher education in Brazil and how to effectively conceive of a “multi-university”, defragmented and vigorous.

Keywords: university extension; university mission; response COVID-19 Pandemic.



Introdução

As universidades são provedoras da formação profissional e educação e têm a incumbência de produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, organizar e articular saberes, e formar cidadãos e profissionais (BRASIL, 1996). Para tal, alicerçam-se no “tripé” ensino, pesquisa e extensão, constituindo-se como espaço mediador de produção e de difusão do conhecimento (RIBEIRO et al., 2016).

210

Entende-se a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão como um catalisador do conhecimento que poderia ser chamado “pluriversitário”, o qual permite a inserção da universidade na sociedade e a inclusão da sociedade na universidade (SANTOS, 2004). Logo, compreende-se esta premissa como um princípio orientador da universidade, nascido sob o influxo dos debates que estabelecem o lugar da universidade no seio da sociedade, recebendo, daí, uma nítida influência de um conhecimento científico, em diálogo permanente com as demandas sociais. Além disso, apresenta-se como princípio no qual o diálogo é potencializado pela tecnologia, informação e comunicação interativa e não unilateralista (MOITA & ANDRADE, 2009).

Contraditoriamente, a indissociabilidade de ensino-pesquisa-extensão não é uma orientação reconhecida na *práxis* pelos agentes atuantes na educação superior, permanecendo quase sempre como um ideal a ser atingido (PEREIRA JÚNIOR, 2005). No caso da pós-graduação, em particular, a prerrogativa e ênfase dadas à pesquisa, deveriam realçar ainda mais as possibilidades de articulação com o ensino e a extensão – e não contribuir para a dissociação entre os fazeres que constitucionalmente moldam a identidade da universidade no Brasil (MOITA & ANDRADE, 2009).

De acordo com Marx & Engels (1969), muito se tem interpretado sobre o mundo; a questão é, contudo, transformá-lo. Portanto, enfatiza-se o dever social da universidade no desenvolvimento de teorias/práticas direcionadas à transformação das sociedades nos âmbitos nacional e global. Ainda que se compreenda sua importância, a extensão termina por ser relegada a um lugar secundário na pós-graduação, contribuindo para práticas de pesquisa e ensino dissociadas da realidade.

Como Morin (2000) reflete: a educação que nos foi transmitida nos ensinou a “separar”, precisamos de um pensamento que nos possibilite “juntar”. Mais do que isto, a missão de uma universidade humanizada é a de permanentemente dialogar com a comunidade, no sentido de melhoria da



qualidade de vida geral da população, nos diversos contextos que vivemos. Mas como pode a universidade dialogar com a sociedade, se os próprios agentes que a constituem não se comunicam efetivamente?

A fim de melhor compreender a comunicação interna na universidade e quais são os recados legados à sociedade, bem como suas devolutivas frente ao contexto atual, o presente estudo pretende discutir a missão da universidade, pautado pela relevância de suas principais funções, observadas em um sucinto resgate histórico, e que invariavelmente culminam nos debates sobre o chamado ensino 'pluriversitário'. No sentido de exemplificar atuações que sinalizam uma filiação - ou dissonância - com este discurso, procurou-se analisar brevemente como a USP tem se posicionado e se articulado no enfrentamento de um dos maiores desafios da atualidade mundial, a pandemia ocasionada pelo COVID-19.

Contextualização histórica

A universidade, compreendida como instituição central nos últimos séculos do mundo ocidental, tem sua origem no mundo medieval, com a criação de escolas de artes liberais na Itália e na França, voltadas ao enobrecimento do espírito humano e inexoravelmente ligadas a estruturas eclesiásticas. Após a revolução francesa, adquire características de formação profissional e técnica, se afastando do espírito sob o qual foi inicialmente concebida, de uma formação global e holística para a vida intelectual. Sob regulação estatal, foi burocratizada e inserida dentro de um contexto de formação de recursos humanos de interesse das nações (TEIXEIRA, 1968).

Já no século XIX, é criada a primeira instituição que pode ser compreendida como uma universidade de pesquisa moderna, a Universidade de Humboldt. Nos EUA, em torno da mesma época, se estrutura o modelo americano de ensino superior, pautado por um viés utilitarista e pela pragmática da missão universitária enquanto instituição responsável por gerar conhecimento prático (TEIXEIRA, 1968).

Os modelos germânico e americano se popularizaram pelo Ocidente e são, ainda hoje, as principais matrizes de influência para sistemas de ensino superior no mundo, configurando-se como referências não apenas na execução das atividades-fim (a tríade ensino, pesquisa, extensão), mas também em relação a estrutura, organização, governança e diversas outras atividades-meio (CAMPOS, 2004).



O Brasil, com a intensificação das políticas universitárias a partir do início do século XX, criou suas primeiras universidades por meio de escolas profissionais que já existiam, tendo como referência o modelo alemão e o norte-americano. A USP, por exemplo, surge a partir da aglutinação sob o mesmo 'teto' das já existentes Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Escola Superior de Agricultura e Escola Politécnica; e da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (CAMPOS, 2004).

Essa gênese, contudo, não ocorre com a criação de uma estrutura coesa e organizada, com um eixo de direcionamento centralizado. Conforme descreve Teixeira (1968):

A estrutura antiga de escolas profissionais isoladas conservou-se, constituindo a universidade apenas a sua reunião em um conglomerado de escolas sob uma autoridade comum, mais nominal e burocrática do que efetivamente administrativa e acadêmica.

Nesse modelo, o reitor, ao invés de ser um líder de um projeto institucional, configura-se como um representante das escolas em seu relacionamento com o mundo externo. O ambiente quase federativo da universidade brasileira em seus passos iniciais fez com que a pressão popular pelo aumento de vagas viesse não sob a forma de reforma do sistema existente, mas com a criação de novas escolas. Isso se explica, ainda segundo Teixeira (1968), pela resistência de professores a mudanças – exigindo que alterações e ampliações deveriam ser feitas em novas instâncias e não as que representavam. Essa primazia dos componentes particulares da universidade em detrimento do coletivo deu às escolas o caráter de guildas, instâncias praticamente autônomas, ainda que sob a égide de uma estrutura universitária. Esse caráter corporativo das escolas, característica do modelo francês napoleônico, foi posteriormente substituído na própria França para um modelo que remontava ao ideal universal medieval, tendo permanecido como modelo estruturante nas principais universidades brasileiras.

O princípio orientador da universidade

Em seu artigo 227, capítulo VII, Título VIII, a Constituição Brasileira traz a educação como um direito de todos e dever do Estado, da família e da sociedade, que visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para



o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho (BRASIL, 1988). Nesse sentido, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, Lei nº 9.394/1996) corrobora ao reafirmar o direito à educação, a partir da Educação Básica e do Ensino Superior (BRASIL, 1996).

As universidades são provedoras da formação profissional e educação e têm a incumbência de produzir conhecimento, gerar pensamento crítico, organizar e articular saberes, e formar cidadãos e profissionais (BRASIL, 1996). Para tal, alicerça-se no “tripé” ensino, pesquisa e extensão, constituindo-se como espaço mediador de produção e de difusão do conhecimento (RIBEIRO et al., 2016). Dessa forma, seu desenvolvimento pressupõe a articulação do trabalho pedagógico em torno de objetivos coesos e coerentes, que tenham por base os processos de democratização do país, os princípios institucionais e os princípios éticos e epistemológicos das atividades-fim da universidade (SANTA CATARINA, 2010).

Tratar da indissociabilidade do tripé “ensino, pesquisa e extensão” na universidade é considerar as mais variadas formas de elaboração de uma tridimensionalidade ideal da educação superior, considerando as relações entre o conhecimento científico e o conhecimento tácito, produzido culturalmente pelos diferentes grupos que compõem a sociedade em geral. Cumpre, portanto, considerar esse debate para melhor entender por que a pretendida indissociabilidade destes elementos muitas vezes não se verifica na prática (MOITA & ANDRADE, 2009).

As relações entre ensino, pesquisa e extensão decorrem dos conflitos em torno da definição da identidade e do papel da universidade ao longo da história (SILVA, 2000). Magnani (2002) sugere que, ao longo dos anos, pouco a pouco, a legislação educacional registrou um esforço em transformar o modelo de transmissão do conhecimento, nossa herança colonial, em um modelo de produção do saber científico, influência da Universidade de Humboldt. Mais recentemente ainda, a extensão surge como terceiro elemento do fazer acadêmico, em resposta às críticas e pressões sofridas pela universidade, oriundas de setores e demandas sociais (SILVA, 2000), característica do modelo norte-americano.

Diante dessa tensão entre o modelo tradicional de ciência e a valorização crescente dos saberes práticos produzidos pelas diferentes populações, intensifica-se a preocupação com o papel social das universidades. Nas palavras de Mora-Osejo & Borda (2004, p. 720), “precisa-se de universidades participativas, comprometidas com o bem comum, em especial com as urgências das comunidades de base [...]”, de modo a



favorecer a substituição de “definições discriminatórias entre o acadêmico e o popular” (MOITA & ANDRADE, 2009).

Porém, em sua grande maioria, esses trabalhos acadêmicos não estão concatenados com esforços no sentido da promoção do desenvolvimento social. Ou seja, em grande parte ainda se produz um conhecimento relativamente descontextualizado em relação às premências do cotidiano da sociedade, gerando um conhecimento “para inglês ver” (SANTOS, 2004).

Nos últimos anos, foram investidos esforços para a realização de projetos e parcerias que viabilizassem a formação do modelo “pluriversitário”, como evolução ideal do modelo “universitário” até então formalizado. O conhecimento “pluriversitário”, de acordo com Santos (2004), distingue-se do conhecimento produzido anteriormente por ser “contextual na medida em que o princípio organizador da sua produção é a aplicação que lhe pode ser dada”. Como essa aplicação acontece além dos muros universitários, a formulação dos problemas, a determinação para resolvê-los e os critérios adotados para o trabalho resultam de “uma partilha entre pesquisadores e utilizadores” (idem, ibidem, p. 30). O conhecimento característico do século XXI, “é um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento” (idem, ibidem, p. 41).

A disseminação do conhecimento técnico às práticas socialmente relevantes nasceu da extensão das universidades populares da Europa (MOITA & ANDRADE, 2009). Freire (1980) defendeu a extensão como uma situação educativa em que educadores e educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto que desejam conhecer. Para o autor, ou a extensão se efetiva de forma dialógica, ou se corre o risco de se interpretar a realidade de forma ingênua, quando não fosse explicitamente um instrumento de dominação ou invasão cultural, com apropriação de saberes. Esse diálogo é o princípio básico para que a universidade passe a cumprir o seu papel de agência formadora, e fornecedora dos meios pelos quais é estabelecida a intercomunicação entre a cultura científica e a humanista (MORIN, 2002).

Ao contrário do que à princípio se possa imaginar, um conhecimento “pluriversitário” não beneficia apenas as comunidades que têm seus saberes levados em conta, mas a própria universidade se renova nesse processo. Tal como destacado por Morin (2000), “tudo aquilo que não se regenera, está condenado”, o ensino é, provavelmente, o melhor exemplo dessa renovação, à medida que, ao mediar a pesquisa e a extensão, enriquece-se o processo



de aprendizado, atualiza-se, conecta-se com as transformações mais recentes da sociedade e do conhecimento científico; provoca e sofre na sua relação com a sociedade; além de formar novos pesquisadores, críticos e comprometidos com a intervenção social. Logo, não há pesquisa, nem extensão universitária que não desemboque no ensino (MOITA & ANDRADE, 2009).

Dialógica na USP durante a pandemia

Desde o início do ano de 2020, vive-se um momento desafiador para o ensino, principalmente por causa da necessidade de isolamento físico, ocasionado pela pandemia de COVID-19. Na tentativa de compreender a mensagem que a universidade quer transmitir e de ressignificar sua missão neste contexto, foi construída uma arena, onde os discursos dos atores que constituem a instituição foram narrados. Também foram descritos exemplos de ações sociais, decorrentes da aplicação da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão como princípio norteador da missão da universidade, no enfrentamento à pandemia de COVID-19.

Hannah Arendt (2003) afirmava que toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história. Para isso, procurou-se narrar as diversas opiniões sobre a postura institucional da USP frente ao enfrentamento da pandemia.

Pegos de surpresa, os atores do cenário educacional tiveram que dar respostas rápidas em relação às formas possíveis de continuidade dos cursos que já estavam em andamento. A maioria optou pela inclusão de ferramentas digitais para adaptação do ambiente de aprendizado, sem mexer na estrutura das disciplinas que foram pensadas para serem realizadas de modo presencial. Em relação à pesquisa, é inquestionável a contribuição científica da USP no enfrentamento da pandemia de COVID-19. Os diversos artigos publicados, nas mais diversas áreas corroboraram para esta prerrogativa. Contudo, há na instituição um diálogo entre a universidade, docentes e discentes? Aparentemente, não. Nos próximos tópicos, foram descritas as mensagens e opiniões da instituição, na figura do reitor; da administração, representada pela prefeitura do Campus de São Carlos; dos docentes, aqui representados pelo professor Marcelo Zaiat, da EESC e dos estudantes da instituição, que se mobilizaram nas mídias sociais.



A mensagem da reitoria

Atualmente, uma das principais contribuições da extensão universitária brasileira tem sido o desenvolvimento de pesquisas para o combate à COVID-19, ou em direção a promoção de qualidade de vida aos estudantes e à população, em geral. Em comunicado no dia 06 de abril de 2020, o reitor da USP, Vahan Agopyan, salientou a importância da universidade para a sociedade como um instrumento de enfrentamento à pandemia, por suas pesquisas nos diferentes laboratórios, pelo desenvolvimento de técnicas e equipamentos e pela atuação direta e ininterrupta nos hospitais e postos, cuidando da saúde da população:

“Nos meus 50 anos de trajetória na universidade, nunca tinha visto a USP ser tão respeitada pelas autoridades, notadamente as da área da saúde, pela grande mídia e pela população em geral. A sociedade, prontamente, compreendeu que todo o dinheiro investido nesta instituição pública, gratuita, de pesquisa e de padrão internacional está retornando de forma clara e multiplicada em benefício social” (AGOPYAN, 2020).

Um reflexo desse reconhecimento, de acordo com o reitor, é a sociedade utilizar os resultados da USP como fonte de informação científica confiável. Em relação ao ensino, 90% das disciplinas teóricas ou teórico-práticas estão sendo oferecidas e as dificuldades iniciais estão sendo superadas a cada dia. O reitor afirmou que o problema de alguns alunos em conseguir acesso à internet está sendo minimizado com a distribuição de *modems* e *chips* para celulares, alugados pela universidade. Na pós-graduação, as atividades didáticas, de orientação, exames de qualificação e até defesas de teses e dissertações permaneceram em ritmo elevado, apesar de, em algumas situações, as atividades laboratoriais não poderem ser feitas de forma plenamente satisfatória (AGOPYAN, 2020).

O reitor reconhece que a atuação da instituição na pesquisa tem sido marcante. Em poucos dias, vários grupos começaram ou direcionaram suas pesquisas para temas relacionados à COVID-19, obtendo resultados imediatos e promissores. Concomitantemente, houve o aumento das atividades assistenciais em hospitais, centros de saúde e nos internatos estudantis e residências (AGOPYAN, 2020).

As atividades culturais e de extensão, em alguns casos, foram intensificadas, mesmo não sendo oferecidas presencialmente. A USP



disponibilizou programação cultural para a população pensando em colaborar com o isolamento social e trazer às famílias momentos de convívio, por meio de sites como cultura.usp.br ou proceu.usp.br (AGOPYAN, 2020).

Os esforços da Prefeitura do Campus USP de São Carlos (PUSP-SC)

De acordo com a ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO (2020) da USP de São Carlos, a PUSP-SC, em conjunto com as Unidades do Campus e com a Superintendência de Assistência Social (SAS), está promovendo uma série de iniciativas e ações visando facilitar a permanência dos alunos que estão na USP São Carlos, distantes de seus familiares, neste momento de pandemia de COVID-19 e de isolamento social. As medidas visam ao apoio principalmente dos moradores dos alojamentos, bolsistas alimentação e estudantes estrangeiros que residem no Campus ou na cidade. Atualmente, há cerca de 130 alunos nos cinco blocos de alojamentos do Campus.

Estão sendo servidas aproximadamente 450 marmitas por dia, no almoço e no jantar, no Restaurante Universitário da Área 1 do Campus. Desde o dia 26, as marmitas estão sendo entregues também aos domingos, abrangendo, dessa forma, todos os dias da semana (ASSESSORIA DE INFORMAÇÃO, 2020).

Para se ter uma ideia do montante desta distribuição, de 18 de março a 22 de abril, no jantar foram oferecidas 6.085 marmitas, das quais 3.103 foram para alunos com bolsa alimentação. Já no almoço, de 19 de março a 22 de abril, foram 7.512, sendo 3.304 para bolsistas alimentação. Em uma ação solidária apoiada pela PUSP-SC, nesta segunda-feira, dia 27, o Restaurante também vai entregar gratuitamente máscaras de tecido aos alunos da moradia estudantil (ASSESSORIA DE INFORMAÇÃO, 2020).

Pensando na preservação da saúde e continuidade dos estudos, a PUSP-SC também disponibilizou aos alunos da moradia estudantil 11 kits de higiene e limpeza (contendo água sanitária, detergente e sacos de lixo). Além disso, estão sendo colocados 11 recipientes de álcool em gel nas entradas dos blocos e emprestados computadores para os alunos assistirem às aulas on-line (ASSESSORIA DE INFORMAÇÃO, 2020).

Referente à saúde mental, o Serviço de Promoção Social e Moradia Estudantil da PUSP-SC, por meio do APOIA USP (Apoio Psicossocial USP – São Carlos) e do GAPsi (Grupo de Apoio Psicopedagógico do ICMC), está oferecendo acolhimento psicossocial de forma on-line para toda comunidade universitária. O atendimento, anteriormente presencial, foi



reformulado para atender às demandas do atual momento (ASSESSORIA DE INFORMAÇÃO, 2020).

Contraponto dos docentes

Eficácia da USP ou atuação alienante?

Pensa-se aqui na realidade dos indivíduos atuantes no cenário educativo: do alunado, dos docentes, dos pesquisadores e da sociedade. Não se questiona a existência de tecnologias para se lecionar remotamente: plataformas no Moodle, quadros digitais e conteúdos multimídia, mas a falta de uma reflexão aprofundada sobre a realidade presente e as possíveis decorrências da adoção precoce e sem crítica destes modelos de ensino no futuro. De acordo com o Professor Marcelo Zaiat, em artigo de opinião publicado na revista Adusp:

Com a interrupção das aulas a partir de 17 de março de 2020 em virtude da pandemia, instaurou-se um ambiente de incertezas na comunidade discente e docente da Universidade de São Paulo. Desde o primeiro comunicado, a Reitoria da USP já sinalizou pela continuidade das aulas a distância com uso de ferramentas diversas, algumas disponibilizadas pela própria universidade. O que era, entretanto, uma diretriz, uma recomendação, com o passar do tempo tornou-se uma obrigação e, em pouquíssimo tempo, cursos presenciais tiveram que ser formatados para a modalidade a distância. Professores que nunca tinham usado ferramentas de ensino a distância tiveram que buscar treinamento ou aprender sozinhos como manejar essas tecnologias e buscar uma forma de aplicá-las a seus cursos planejados para serem ministrados presencialmente. Ao corpo discente restava buscar, em suas casas, estrutura para acompanhar tais cursos.

De acordo com Zaiat (2020), as adequações aconteceram de forma expedita, com um planejamento utilitário, sem uma pausa para reflexão aprofundada, em prol do cumprimento ao lema “A USP não vai parar” a qualquer custo, com a justificativa de que o país precisará de profissionais no final da pandemia. Questiona-se: será que este mundo em transformação, que passa por uma situação nunca vivenciada, estará ávido por milhares de profissionais egressos da USP, com os seus conteúdos intactos, ainda que oferecidos de forma atabalhoada? Seria este o reflexo do sistema altamente



competitivo que impera no sistema em que vivemos, no qual muitas unidades definiram suas ações para estar à frente de outras e não decepcionar o “poder central”? Afinal, nas palavras do autor, “há interesses, sobretudo políticos, envolvidos nessas relações”. Pode-se inferir que o recado da USP é direcionado ao “mercado”, aquele “ser que absorverá a mão de obra despejada pela universidade” e indica o destino destes egressos, futuros “operários-padrão” de empresas, aqueles que nunca param, nem mesmo nas piores adversidades: o proletário (ZAIAT, 2020).

A pausa para a reflexão coletiva; o repensar sobre a ação transformadora dos docentes, discentes, profissionais e pesquisadores; os paradigmas do “novo normal” e o agravamento das iniquidades sociais já tão acentuadas, tudo isso foi “colocado debaixo do tapete”, fingiu-se “absoluta normalidade” e se manteve o que é mais importante no momento: o calendário acadêmico (ZAIAT, 2020).

Essa conduta foge à missão do ensino, o qual não deve ser de transmitir/despejar o saber (ensino tecnicista), “mas transmitir uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 1999). Urgentemente, é preciso revolucionar o ensino no país, multiplicar os espaços de formação (sala de aula), pois, afinal, a educação pode se efetivar em todos os encontros (virtuais ou presenciais) (ZAIAT, 2020).

União da classe docente para reflexões sobre o “novo normal”

Este novo paradigma reforça a necessidade de uma educação transformadora. E, especificamente, em relação à educação universitária, quais seriam os novos processos de aprendizagem? Quais os modelos de ensino, as responsabilidades institucionais e individuais? Quais as perspectivas da universidade enquanto instituição de conhecimento, formação e ensino? Estas questões foram discutidas durante o ciclo de debates “Vivenciando 2020”, um espaço de ricas reflexões, tanto aos docentes, quanto aos alunos e à sociedade (PRPG/USP, 2020).

Contraponto dos discentes

Os estudantes da USP que residem nos alojamentos estudantis relatam uma série de dificuldades apresentadas durante o período da pandemia, em sua maioria resultado do descaso pela permanência estudantil. Os problemas relatados envolvem desde a impossibilidade em manter o isolamento social, devido às estruturas das moradias estudantis,



até na dificuldade de garantir alimentação de qualidade para todos os estudantes (TRIBUNA SÃO CARLENSE, 2020).

As moradias carecem de internet de qualidade, problema já conhecido pelos moradores dos alojamentos estudantis. Os alunos relataram a dificuldade em acessar a internet dentro das suas próprias casas e quartos, o que atrapalha a continuidade dos seus estudos e atividades pessoais, bem como impossibilita o exercício das atividades profissionais daqueles alunos que precisam trabalhar em casa durante a quarentena (TRIBUNA SÃO CARLENSE, 2020).

Opinião da sociedade

Como já mencionado pelo reitor, a sociedade nunca buscou tanto por informações científicas. Tal fato, considerado no contexto de “negação da ciência”, o qual o Brasil se inseria, e que foi agravado nos últimos anos, é algo valioso e reverbera de forma positiva para a universidade e para a sociedade. Um exemplo é a arrecadação de donatários do Programa USP Vida, em parceria com a Fundação de Apoio à Universidade (FUSP) com o objetivo de ajudar no combate à pandemia. Em última consulta no dia 29 de junho de 2020, o USP Vida já havia atingido 65% da meta, de 5.000.000 de reais (FUSP, 2020).

Devolutiva da universidade: exemplo das ações da EERP/USP para o enfrentamento da pandemia de COVID 19

A missão do ensino não deve ser de transmitir apenas o saber, “mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (MORIN, 1999).

Neste sentido, a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Assim, reafirma-se seu caráter de instituição social educativa, comprometida com as reais necessidades e aspirações da sociedade, atuando decisivamente nas diferentes práticas pedagógicas e políticas contribuindo na construção do perfil do cidadão (RIBEIRO et al., 2016).

Após diversas pesquisas sobre a devolutiva da USP à comunidade global, selecionou-se o exemplo das ações da EERP, no que tange ao enfrentamento à pandemia de COVID-19, por meio da elaboração de



protocolos, materiais didáticos, atividades de extensão, pesquisas, eventos e capacitações.

Dentre as contribuições da instituição produzidas durante a pandemia, destacam-se o Protocolo de Biossegurança para Prevenção da COVID-19; dez materiais educativos (vídeos, infográficos, *websites* e cartilhas), que tratam desde os cuidados no ambiente hospitalar ao gerenciamento de resíduos gerados nos cuidados com a COVID-19 nos domicílios. O uso da máscara, a atenção ao neonatal, bebês prematuros, o cuidado com a saúde mental e a prevenção do comportamento suicida são também alguns exemplos a serem citados (EERP, 2020).

Um total de quatro atividades de extensão foram contabilizadas: (i) plantões virtuais/atendimento por *chat*; (ii) implantação de ações educativas na comunidade escolar; (iii) *website* para a promoção de saúde e inclusão de pessoas com deficiência e (iv) "*Global Parliamentarians to End Infectious Diseases-COVID-19*", que se trata de um "*policy brief*" ou resumo de políticas públicas e protocolos a serem adotados mundialmente no combate a pandemia de SARS,CoV-2 (EERP, 2020).

Foram identificadas 25 pesquisas (em andamento) sobre o combate à COVID-19. Resumidamente, alguns assuntos abordados para o enfrentamento: (i) estratégias de segurança no trabalho utilizadas por profissionais da saúde; (ii) participação de estudantes da área da saúde; (iii) pandemia nas escolas paulistas de educação básica; (iv) estudo multinacional sobre o uso de máscara facial; (v) reúso e reprocessamento da máscara N95; (vi) estresse parental e vulnerabilidade das crianças; (v) problemas respiratórios em crianças e situação da COVID-19 na família e comunidade; (vi) análise da capacidade instalada de sistemas de saúde e da força de trabalho da enfermagem no contexto global; (vii) medidas governamentais de contenção e resposta à pandemia – Termômetro Social; (viii) Impacto da tuberculose na COVID-19; (ix) guia de prevenção ao suicídio e (x) saúde mental em universitários (EERP, 2020).

Eventos como a comemoração do dia do enfermeiro e do ano internacional da enfermagem frente à pandemia de COVID-19 foram realizados pela Comissão de Cultura e Extensão Universitária. O Centro de *Mindfulness* e Terapias Integrativas promoveu o "*Praticando Mindfulness: desenvolvendo habilidades para lidar com estresse e manter a saúde mental em tempos desafiadores*". Além disso, foi organizado o debate "*Roda de conversa: Coronavírus na EERP*", disponível no YouTube (EERP, 2020).



Conclusão

O presente estudo apresentou a mensagem institucional, os pareceres de alguns partícipes e exemplos de devolutivas que a USP promoveu durante a pandemia de COVID-19. A devolutiva da universidade pública foi verificada pelo mapeamento de algumas ações desenvolvidas pela EERP/USP, que buscam revitalizar os vínculos com a comunidade, pois, afinal,

“a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” (ARENDETT, 2011, p. 247).

Pela análise dos discursos, observou-se compreensão dissonante dos partícipes em relação a atuação da instituição frente ao cenário desafiador. O reitor salienta a importância da universidade para a sociedade, como um instrumento de enfrentamento à pandemia. Por meio de uma série de iniciativas, a prefeitura do Campus tenta promover a permanência dos alunos, principalmente, os moradores do alojamento, bolsistas de alimentação e estudantes estrangeiros. Porém, os estudantes da USP que residem nos alojamentos estudantis relatam uma série de dificuldades apresentadas durante o período da pandemia, que envolvem desde a impossibilidade em manter o isolamento social, devido às estruturas das moradias estudantis, até a dificuldade de garantir alimentação de qualidade para todos os estudantes. Alguns docentes notam um descuido da instituição com um aspecto mais sutil (porém não menos importante) do ensino, que pecou por não possibilitar espaço/tempo a reflexões, em prol da atuação alienante do ensino tecnicista. A dificuldade de se estabelecer uma comunicação efetiva foi refletida em termos de sua “crise identitária”, que resulta provavelmente da falta de uma compreensão profunda sobre a missão institucional, em alguns de seus segmentos atuantes.

Apesar desta divergência, muitas das devolutivas constatadas demonstram profunda preocupação com a manutenção da dignidade dos estudantes, e da população em geral. Até a realização deste artigo, em julho de 2020, dentre as diversas ações da EERP, contabilizou-se o desenvolvimento de 10 materiais didáticos, 1 protocolo, 25 pesquisas, 4 atividades de extensão e 3 eventos. Ainda que sempre haja espaço para o crescimento, tais contribuições representam um exemplo a ser seguido. Invariavelmente, talvez seja a ocasião de se pensar ainda mais seriamente sobre o reposicionamento identitário do ensino superior no Brasil e em



como conceber efetivamente uma universidade “pluriversitária”, desfragmentada e pujante.

Referências

- AGOPYAN, Vahan. Em comunicado, reitor destaca a atuação da comunidade na pandemia da covid-19, *Jornal da USP*, São Carlos, 06 de abril de 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/institucional/em-comunicado-reitor-destaca-a-atuacao-da-comunidade-na-pandemia-da-covid-19/>>. Acesso em: 29 de junho de 2020.
- ARENDT, Hannah. **A Crise na Educação**. In: *Entre o Passado e o Futuro*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO. USP São Carlos toma medidas para facilitar a permanência de alunos no Campus, Universidade de São Paulo, 27 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/usp-sao-carlos-toma-medidas-para-facilitar-a-permanencia-de-alunos-no-campus/>. Acesso em 29 de junho de 2020.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil. Ministério da Educação, 1996.
- CAMPOS, Ernesto. **História da Universidade de São Paulo**. EdUSP. 584 páginas, 1. ed. 1954. ISBN 85-314-0815-6. Impressão 2004.
- EERP. ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO/USP. Ações da Escola De Enfermagem De Ribeirão Preto para o enfrentamento da pandemia do COVID 19. Centro Colaborador da OPAS/OMS para o desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/corporate-covid-19/>>. Acesso em: 29 de junho de 2020.
- FUSP. FUNDAÇÃO DE APOIO À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Programa USP Vida. Disponível em: <<https://www.fusp.org.br/usp-vida>>. Acesso em 29 de junho de 2020.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



- MAGNANI, Ivetti. Ensino, pesquisa, extensão e a nova tipologia do ensino superior brasileiro. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., Caxambu, 2002. Anais... Caxambu: ANPEd, 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Theses On Feuerbach. **Marx/Engels Selected Works**, v. 1, p. 13-15. Progress Publishers, Moscow, USSR, 1969. Documento original publicado como apêndice. *Engels' Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy*, em 1886. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1845/theses/theses.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2020.
- MOITA, Filomena; ANDRADE, Fernando. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, maio/agosto, 2009.
- MORA-OSEJO, Luis Eduardo; BORDA, Orlando Fals. A superação do eurocentrismo, enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre nosso contexto tropical. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, p. 711-720, 2004.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina, 24ª ed.: Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2018, 128 p., 1999.
- MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Org. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, Edgar. Um dos principais expoentes do pensamento mundial, Edgar Morin defende a desfragmentação do conhecimento e a união entre a ciência e o humanismo, c2000. Entrevista concedida ao programa Roda Vida, 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A0BII0WbPo8&t=2329s>>. Acesso em: 15 mai. 2020.
- PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. A universidade pública e os desafios do desenvolvimento. **La Insígnia: Brasil**, 13 jan. 2005. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2005/enero/cul_040.htm>. Acesso em: 29 de junho de 2020.
- PRPG/USP - PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA USP. Vivenciando 2020 - Modelos de ensino: responsabilidades institucionais e individuais. 29 de junho de 2020. Disponível em:



<<https://www.youtube.com/watch?v=5FYrA57IEA>>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

RIBEIRO, Marcos; CAVALCANTE, Ana; ALBUQUERQUE, Izabelle; VASCONCELOS, Maristela. A extensão universitária na perspectiva de estudantes de cursos de graduação da área da saúde. **Interagir: pensando a extensão**. Rio de Janeiro, n. 21, p. 55-69, jan/jun. 2016.

SANTA CATARINA. **I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE)**. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2010.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Maria das Graças. Universidade e sociedade: cenário da extensão universitária? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., Caxambu, 2000. Anais... Caxambu: ANPED, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.50, n.111, p.21-82, jul./set., 1968.

TRIBUNA SÃO CARLENSE. Alunos da USP e UFSCar passam por dificuldades nas moradias estudantis durante a pandemia. Disponível em: <<http://tribunasaocarlense.com.br/alunos-da-usp-e-ufscar-passam-por-dificuldades-nas-moradias-estudantis-durante-a-pandemia/>> Acesso em: 29 de junho de 2020.

ZAIAT, Marcelo. "Que Universidade queremos no mundo pós-pandemia?". Artigo de opinião, **Adusp**, 16 de abril de 2020.

Recebido em 14 jul. 2020 | aceite em 11 out. 2020.